

POESIA COMO QUESTIONAMENTO DE PRECONCEITOS

Susan Blum Pessôa de Moura*

Resumo: Este ensaio analisa a alteridade, repensando os estereótipos criados no Brasil em relação ao negro e ao termo *raça*. Demonstra como certos comportamentos são inerentes ao ser humano em si, independente de cor de pele, sexo ou nacionalidade. Procura repensar as relações de espelhamento e estranhamento que o outro nos traz, aproveitando-se de alguns poemas de Manuel Bandeira (*Irene no céu*) e Márcio Barbosa (*O que não dizia o poeminha do Manuel*). Por fim, reflete sobre a identidade brasileira, indicando um exercício de educação com esta finalidade do questionar.

Palavras-chave: identidade; preconceito; poesia; cultura afro; educação.

Abstract: We analyze alterity, by reassessing the stereotypes developed in Brazil which refer to afro-american people and race. We show that some behavioral aspects are inherent to the human being itself, regardless of skin color, gender or nationality. Reflection and strangeness are taken into account in human relationships, and we illustrate this point by using some poems by Manuel Bandeira (Irene no céu) and Márcio Barbosa (O que não dizia o poeminha do Manuel). Finally, we discuss about Brazilian identity, by pointing an educational exercise out which aims the act of questioning.

Introdução

Devemos nos perguntar, antes de tudo, o que é literatura afro-brasileira. É a literatura que fala do negro ou a literatura escrita pelos negros? E o que é negro? “Já se sabe, cientificamente, que o termo *raça* não existe”¹. Somos uma única *raça*: A humana.

*Mestre em literatura pela UFPR, professora no Centro de Línguas da UFPR (curso de extensão de criação literária), colaboradora da ONG Leia Brasil e autora do livro de contos *Novelas Nada exemplares* (ed. Amplexo, 2010). Leciona as disciplinas de Língua Portuguesa I e II do Curso de Publicidade e Propaganda na Universidade Positivo.

¹ Apesar de esta frase ter sido dita por um estudioso em uma palestra na Petrobras (Joel Rufino), a autora apenas conseguiu encontrar UM artigo científico citado na *Nature* que “comprova” a fala: “Estudo publicado pela revista *Nature*, em dezembro de 2000, afirma que os *Homo sapiens* partiram do continente africano, em algum momento dos últimos 100 mil anos. Dali, seguiram em direção à Europa, ao Oriente Médio e à Ásia e promoveram a expansão para o resto do mundo. Mais recentemente, em julho deste ano, uma missão de paleontólogos no norte do deserto do Chade, na África Central, desenterrou os restos de

Mas os termos raça negra, branca, amarela e vermelha, cunhados culturalmente, foram tão amplamente impregnados que ainda é difícil não os usarmos. Além disso, já sabemos que pela genética podemos descobrir uma “negritude” que não se manifesta em nosso fenótipo brasileiro. Logo, o que me interessa neste ensaio é a apresentação do negro na escrita, independente da cor de pele do escritor ou poeta. Claro está que a vivência real da negritude influencia o colocar do preto no branco (literalmente) na poesia.

Com esta introdução espero ter justificado a escolha do poeta Manuel Bandeira, que não era “negro”, mas que escreveu poemas sobre negros. Um desses poemas é “Irene no Céu”, que será analisado neste ensaio. O outro poeta escolhido é Márcio Barbosa – este sim afro-descendente – mas não é por este motivo que a minha escolha recaiu sobre ele e sim pelo poema que escreveu, baseado em “Irene no Céu”.

O que realmente me interessa nesta tentativa de análise é a visão **sobre** o negro, sobre o **comportamento** dele e como este mirar é diferente – ou se modifica – não só de pessoa para pessoa, mas de tempos em tempos. Não estou aqui negando a existência da poesia afro-brasileira, pois acredito, assim como Roger Bastide, que tal poesia exista, “com seus traços próprios, seus sinais distintos e suas descobertas líricas”².

Vou analisar aqui dois poemas de duas épocas diferentes e com componentes significativos da vida “escrava”, com suas respectivas relações de comportamento. O poema “Irene no Céu”, de Manuel Bandeira (1886-1968), foi publicado por volta de 1930. Já os versos de Márcio Barbosa foram publicados em 1992, no Cadernos 15³. Vamos aos poemas:

um hominídeo de 7 milhões de anos, sendo considerado o mais antigo representante da raça humana. Portanto, a noção de várias raças humanas é, neste momento, errônea, tanto sob o ponto de vista genético quanto pelos pontos de vista biológico e arqueológico. O que foi ratificado oficialmente, em 1963, quando a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou a Declaração das Nações Unidas para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial”.

² BASTIDE, Roger. *A poesia afro-brasileira*. s.l. Martins, 1934, v. 4.

³ Através de contato por e-mail, o autor relatou não recordar quando o poema foi escrito, mas sabia - quando o escreveu - que deveria publicá-lo.

Irene no Céu

Irene preta

Irene boa

Irene sempre de bom humor

Imagino Irene entrando no céu:

– Licença⁴, meu branco!

E São Pedro bonachão:

– Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.⁵

Neste poema percebemos alguns detalhes significativos da vida do negro que, após a “abolição”⁶ da escravatura, não tinha para onde ir e dificilmente era empregado já que a mão-de-obra principal era a estrangeira (europeia)⁷. Ainda podemos inserir aqui, nesta situação de desemprego, outras causas como antigas noções (outros estereótipos) de que o negro não tinha alma, de que era selvagem e/ou preguiçoso⁸.

Voltando ao poema, uma das leituras possíveis (e a mais comum) é o carinho que Bandeira demonstra com as amas (de leite ou ama-seca⁹), ou seja, uma possível homenagem às mulheres negras que colaboraram na construção (e manutenção) da célula social familiar. Era a “mãe preta” que dava apoio aos filhos dos patrões e que

⁴ Há uma versão que diz: fiança meu branco. Como se fosse, segundo a etimologia da palavra, um pedido de confiança para com ela. Para que São Pedro fie nela.

⁵ Este poema está no livro *Libertinagem & estrela da manhã*. Coleção Folha, 2008.

⁶ Sobre esta questão da “abolição” da escravatura há poemas de Limeira como *Maio* e *Treze*: no poema *Treze* o protesto é lançado assim: (...) / no verdadeiro canto / da ABOLIÇÃO que ainda não houve. (LIMEIRA, 1978).

⁷ Um dos estereótipos mais comumente ligado ao negro vem daqui, uma vez que, para sobreviver, eles cometiam pequenos furtos (principalmente de comida). Daí nasceu a expressão de que negro não presta, é ladrão.

⁸ No livro alemão *Kulturgeschichte Afrikas*, de Leo Frobenius, esta noção do africano selvagem e inculto é totalmente desmontada pelo autor, que relata comentários dos primeiros capitães de expedições. Eles dizem que encontraram: “ruas cuidadosamente implantadas, estendendo-se por muitas milhas e ladeadas por árvores plantadas com este fim” (...) “campos cobertos com plantações vistosas, pessoas com roupas luxuosas feitas de tecido produzidos por eles mesmos!” e no Reino do Congo encontraram até “pessoas que estavam vestidas em seda e veludo” (...) “uma organização levada até os últimos detalhes de estados grandes e bem estruturados, soberanos cheios de poder, indústrias florescentes – cultura até os ossos!” ou seja, “culturas harmonicamente estruturadas floresciam em toda sua beleza”. Frobenius ainda afirma que “a noção de ‘negros bárbaros’ é uma invenção da Europa, que dominou a Europa até o **início do século XX.**” (negrito meu). Ele cita diversas artes e culturas africanas que estão em museus, além de relatos de vários pesquisadores que foram depois para a África e que perceberam que as primeiras expedições européias destruíram muito da estrutura citada anteriormente.

⁹ Manuel Bandeira tinha uma ama-seca chamada Rosa. A título de curiosidade: ama de leite era a que amamentava e ama-seca, apenas cuidava, não dava leite para a criança.

organizavam a casa, dando suporte a todos. Por praticamente “fazer parte da família” essas mulheres continuaram nas casas grandes após a abolição.

Assim, aparece este São Pedro “branco” (o que detém o poder) e bonachão que a aceita no céu sem restrições, como uma espécie de recompensa por ter sido boa com todos da família. E Irene mantém a mesma posição de submissão que tinha quando viva, pois pede licença/fiança a São Pedro (no céu), assim como pedia aos “senhores e sinhazinhas” (na terra). Essa é a principal leitura realizada na época da sua publicação.

Mas há outra leitura possível, que foi percebida somente anos mais tarde, que se baseia muito mais na *descrição* dada à Irene: a **preta boa e sempre de bom humor**. Ora, por que esta descrição tão simples pode incomodar alguns leitores? Será que não seria pela identificação e empatia, uma vez que aprendemos desde pequenos que devemos ser sempre bons, sorridentes e corteses com nossos superiores? Ou seja, uma **submissão ensinada** desde a infância (no lar) que se perpetua nas escolas¹⁰? Um “ensinamento” que leva, futuramente, centenas de pessoas à terapia: temos que ser “bonzinhos” para sermos aceitos pelas pessoas. A não expressão de sentimentos e pensamentos vai sufocando “gritos interiores” que explodem mais tarde em doenças ou comportamentos extremamente violentos, pois nunca trabalhados e sempre escondidos¹¹.

Ou seja, caímos em outro estereótipo: Só somos aceitos se bonzinhos¹². E independente de cor de pele, apesar de ser um subterfúgio utilizado por muitas minorias para serem aceitas pela sociedade, ele aparece em qualquer ser humano que foi criado com frases do tipo: “seja bonzinho, que ganhará sobremesa”, “o Papai Noel só dá presente para crianças boazinhas”, etc.

Ora, a expressão negro de alma branca, cunhada pelo grande escritor Monteiro Lobato, ao descrever a negra Anastácia (de Emília) e tão amplamente utilizada no Brasil não é uma expressão típica desse “ser bonzinho”? “Ele é tão bonzinho, tão legal, que

¹⁰ Só a guisa de ilustração trago um trecho de *o livro dos abraços*, de Galeano: A cultura do terror / 3: “Sobre uma menina exemplar; / uma menina brinca com duas bonecas e briga com elas para que fiquem quietas. Ela também parece uma boneca porque é linda e boazinha e porque não incomoda ninguém. / (do livro *Adelante*, de J. H. Figueira, que foi livro escolar nas escolas do Uruguai até poucos anos atrás) (GALEANO, 2003, p. 142)

¹¹ esta seria uma discussão muito ampla que não cabe aqui, mas que serve como alerta aos professores: os pensamentos e sentimentos dos alunos devem ser vistos e discutidos com reflexões sérias em sala, para que não virem comportamentos perigosos posteriormente.

¹² Este é outro estereótipo que podemos e devemos trabalhar em sala de aula.

nem parece preto!” “Ele é um preto de alma branca!”¹³ Enfim, o racismo brasileiro, já discutido por diversos historiadores, pesquisadores e militantes, nem preciso dizer que existe sim¹⁴.

Segundo Homi Bhabha, o colonizado, através da sua poesia, não só encena o “direito de significar” como também questiona o direito de nomeação que é exercido pelo colonizador sobre o próprio colonizado e seu mundo (BHABHA, 1999, p. 321). Assim, apresento agora o poema de Márcio Barbosa, uma “paródia-diálogo” com o poema de Manuel Bandeira.

O que não dizia o poeminha do Manuel:

Irene preta!
Boa Irene um amor
mas nem sempre Irene
está de bom humor

Se existisse mesmo o Céu
imagino Irene à porta:
– Pela entrada de serviço – diz S. Pedro
dedo em riste
– Pro inferno, seu racista – ela corta.

Irene não dá bandeira
ela não é de brincadeira

¹³ Em novembro de 2010 surgiu uma grande polêmica em relação à obra de Monteiro Lobato acusando-o de racismo. Ao invés de banir estas leituras, recomendo que sejam feitas da mesma forma que aqui indico. Não esquecer também vários outros escritos de Monteiro Lobato como: *Negrinha* (que vendeu 15 mil exemplares em 3 tiragens sucessivas em 1920), *O jardineiro Timóteo* (também chamado por Monteiro Lobato como “um preto branco por dentro”, 1920), *Os negros* (1922), *O presidente negro* (escrito em 1926, quando adido comercial junto ao consulado brasileiro em New York).

¹⁴ Recomendo a leitura e discussão em sala do livro de Zilá Bernd: **Racismo e anti-racismo** (principalmente o cap. 3 – discurso anti-racista). Além de filmes como *Malcom X*, *Mandela* e outros. A discussão se torna rica ao discutir pontos como os modelos de luta anti-racista, ex de Malcom X no início de sua luta, com a afirmação da identidade negra através da negação e do confronto com o branco. E no final de sua luta com a reformulação de seus princípios dogmáticos e consequente assassinato. E o exemplo dado por Mandela, de que nem só de ódio e nem só de amor se faz a luta anti-racista, mas sim de negociação consciente, como um esforço de TODOS. (cf. BERND, p. 56,57)

É interessante lembrar aqui que a poética é uma forma de narração do mundo, mas também é – talvez acima de tudo – uma revelação do desejo utópico de construir um outro mundo. Se narramos o mundo através da poética, mas ao mesmo tempo almejamos outro, estamos desvelando o nosso descontentamento com este mundo presente. Queremos transgredir a ordem estabelecida. Não queremos mais olhar no espelho comum, modificamos assim a visão através do espelho da paródia.

Segundo o estudioso Sant’Anna, a paródia “significa uma ode que perverte o sentido de outra ode (grego: *para-ode*)”¹⁵. Também podemos aproveitar os pensamentos de Bakhtin e pensar na fala de Barbosa como uma intenção de se opor diretamente à fala original. “A segunda voz, depois de se ter alojado na outra fala, entra em antagonismo com a voz original que a recebeu, forçando-a a servir a fins diretamente opostos. A fala transforma-se num campo de batalha para interações contrárias” (BAKHTIN *apud* SANT’ANNA, 1985, p. 14)

Claro está que a escrita de Márcio Barbosa é mais contundente, pois mostra um outro lado, a visão não mais do branco, mas do próprio negro. Afinal, quem passa por situações de discriminação é ele e não branco¹⁶.

O próprio autor relata que ao escrever o título do seu poema pensava no tamanho e simplicidade do poema de M.B., “mas também no quase-desleixo, no tom debochado, ao mesmo tempo condescendente e paternalista”. Além disso, Márcio confessa que o poema de M.B. teve nele um impacto muito grande e que ele pensava no que estava nas entrelinhas, em tudo aquilo que estava ali, não dito, mas sugerido (*cf.* BARBOSA)¹⁷.

Ao responder a minha dúvida sobre a ambiguidade no título – “Poeminha” – Barbosa termina dizendo que “mas analisando depois, acho que também acabou havendo uma ironia, mas bastante inconsciente e até como uma resposta ao tom do poema original”. Realmente, não tem como não fazer esta relação, principalmente

¹⁵ Affonso Romano de Sant’Anna, em seu livro *paródia, paráfrase & cia*, diz que retirou este significado de paródia do dicionário de literatura, de Brewer. Ou seja, dá a ideia de uma canção que era cantada ao lado de outra, como uma espécie de contracanto. Eu diria, baseada nestes poemas de Bandeira e de Barbosa, de “encanto” e de “contra-encanto”.

¹⁶ com exceção do branco pobre e maltrapilho – outro renegado, dessa vez social. E dos excluídos por opção sexual – mulheres e homossexuais.

¹⁷ Informações citadas por Barbosa em troca de e-mails com a autora deste ensaio. Eu perguntei ao poeta se o “poeminha” do título era devido ao tamanho do poema de M.B. ou se havia uma ambiguidade ali, por considerá-lo “menor”.

quando o leitor “abre seus olhos” e passa a ler o poema de M.B. com uma visão mais crítica¹⁸.

Educação: Como podemos utilizar estes poemas na educação? Faço aqui apenas uma sugestão, que deve ser analisada e questionada pelo professor (conhecedor de seu contexto de aula e de sua escola). Sempre apresento os poemas, geralmente o de Manuel Bandeira primeiro. Deixo à leitura de cada aluno. Discutimos e conversamos cada leitura apresentada (geralmente um ou dois alunos questionam o fato de Irene ser boa). Depois apresento o segundo poema (normalmente vários alunos se identificam com este poema, principalmente pela discriminação sofrida por eles próprios – e dizem que é por aí mesmo, que tem que mandar as pessoas racistas à “M.”¹⁹).

Procuo deixar os alunos se manifestarem à vontade, pois esta é uma ótima oportunidade de observar os pensamentos e sentimentos dos alunos. Depois de um tempo de “descarrego”, dois ou mais alunos percebem que são apresentados dois comportamentos: **submissão** e **agressão** e começam a sugerir outros caminhos, muitas vezes fazendo conhecer o número da Lei, que permite a eles uma discussão e argumentação sem necessidade de agressão. Caso nenhum aluno conheça como funciona a lei de discriminação, o professor pode trabalhar com a turma vários casos em que ela foi empregada. Dando assim exemplos práticos de como podemos “solucionar” o preconceito. É interessante deixar os alunos livres para suas interpretações, pois, como afirmou Bakhtin, “Toda palavra de um texto conduz para fora dos limites desse texto. A compreensão é o cotejo de um texto com os outros textos” e isso ocorre com os alunos que trazem até outros poemas ou textos²⁰.

Caso este processo não ocorra naturalmente (o que nunca me aconteceu) o professor pode instigar a turma com perguntas do tipo:

- Quais as atitudes que cada uma das Irenes toma?
- Qual seria a “correta”²¹?

¹⁸ Uma das dicas do diálogo existente entre os dois poemas também está quando Marcio fala que Irene não dá bandeira (Bandeira). Uma brincadeira do poeta.

¹⁹ Expressão geralmente usada pelos meus alunos, mas que procuro modificar aos poucos.

²⁰ Muitos alunos lembram de textos dados em sala como “A última crônica” de Fernando Sabino, entre outros.

²¹ Isso mesmo: “correta” com aspas e mostrando aos alunos o direito da personalidade de cada um. Porém inserindo conceitos de convivência social.

– De onde vem esta “submissão” ou “agressão”?

Acredito ser interessante a turma perceber a submissão que muitas vezes é imposta pela própria escola; ou seja, em que momentos a escola está no comando das ações. Não estou querendo fazer uma apologia à rebeldia ou à anarquia²², mas sim ao diálogo e ao respeito.

Devemos ter muita observação – e auto-observação – para perceber quando estamos sendo “bonzinhos” apenas para ter uma recompensa ou atenção. Ou quando nos submetemos ao “poder” dos outros por medo ou resignação, ou se a bondade é inerente àquele momento ou pessoa. Acima de qualquer coisa devemos procurar o diálogo e o respeito. Pois os mal-entendidos acontecem, e se nada fazemos para esclarecer fatos, compactuamos com o delito. Há várias dinâmicas sobre escutar, discutir, argumentar, conversar, todos gerando o entendimento e a compreensão²³ que podem ser usadas.

Pode-se também aproveitar um pequeno poema que fiz para este fim:

Irene inteligente

Para os poetas M. B.

Irene não pede licença, pois sabe de seus direitos.

Irene não xinga e entra à força, pois sabe de seus direitos.

Irene preta, Irene boa, nem sempre de bom humor, Irene humana.

Irene estudou, Irene conhece as leis 9459/97 e 7716/89.

Irene... Apenas uma mulher querendo entrar...²⁴

Espelhamento / alteridade: como indiquei no início deste ensaio, não é a cor da pele que traz a característica de “escravidão”²⁵. Podemos ser escravos de um sistema, de uma ideologia, de desejos, enfim, de algo ou alguém. Esta escravidão é bem demonstrada no poema “Vôo”, de Limeira, que serve para qualquer ser humano, escravo de desejos e/ou ideias:

²² Existem várias dinâmicas que permitem que os alunos percebam a necessidade de normas, leis e regras.

²³ Caso alguém tenha interesse e não encontre essas dinâmicas em livros específicos ou na internet, pode entrar em contato com a autora por e-mail (susanpessoa@yahoo.com.br).

²⁴ Este poema está no livro *Novelas nada exemplares*, da autora do artigo (Ed. Amplexo, 2010).

²⁵ Não desmerecendo aqui – de forma alguma – este triste e lamentável episódio de nossa História. Acredito sim que deve-se apresentar este período para os alunos e mostrar o quão fortes e corajosos foram os negros trazidos da África para trabalhar em nossas terras e casas.

VÔO

Quando você acreditar
 Que é livre e pode
 Empreender o vôo da realidade
 Procure não pensar
 Nas correntes da consciência. (LIMEIRA, 1978)

Esta reflexão sobre a opressão generalizada para o ser humano, aproveitando-se de um fato histórico específico, não diminui a importância de se falar do negro ou de se trabalhar as raízes culturais e históricas dos povos que foram trazidos da África. Afinal, como já explicado, a “libertação” dos escravos criou justamente esta situação de pobreza e exploração. Este tema já foi muito bem estudado e argumentado por Zilá Bernd e não pretendo trabalhá-lo aqui, mas trago uma pequena citação²⁶:

A Negritude caiu na armadilha da ideologia racista dominante, corroborando-a, embora – aparentemente – estivesse lutando contra sua dominação. Vale dizer, o negro, por exemplo, ao pleitear igualdade de oportunidade com o branco no mercado de trabalho do atual sistema, não chega a fazer a crítica da exploração capitalista, mas, ao contrário, a reforça, pois em última análise está pleiteando o igual direito de ser explorado. (BERND, 1987, p. 33)

Ou seja, podemos nos espelhar em um acontecimento histórico de um *outro*, e assim criar nossos próprios valores e questionamentos. Quando Bernd promove esta reflexão da “igualdade de exploração”, ela mostra claramente que “enquanto a negritude (...) se resumir a combater os signos do poder branco, não haverá um real enfrentamento do problema. É necessário chegar à estrutura profunda: Lá onde os estereótipos se constroem como causa e consequência de preconceitos” (*cf* p.33). Acredito que este deva ser o ponto principal de toda e qualquer escrita afro-brasileira: A discussão do preconceito, da discriminação e do “racismo”²⁷.

Este é um ponto importante para ser trabalhado e discutido nas escolas para que não se criem – ou reforcem – preconceitos. Devemos mostrar como nossa identidade está intimamente relacionada com o nosso passado, com os estudos genéticos atuais. E mostrar como a identidade se baseia também na alteridade, pois é algo dinâmico que se

²⁶ Quem tiver maior interesse sobre este assunto deve recorrer aos livros de Bernd, em especial o *Negritude e literatura na América latina*.

²⁷ Duas observações: um, o termo racismo está equivocado, uma vez que já está comprovado que não existem “raças” e, dois, penso aqui em todas as minorias que sofrem preconceitos e discriminações (para o professor aproveitar na educação de respeito dos alunos).

constrói, des-constrói e re-constrói constantemente. Como disse Bernd, “só existe identidade pela consciência da diferença que é posta por uma situação de estranhamento” (p. 39)²⁸.

Afinal de contas, a identidade é definida em relação a algo que lhe é exterior, ou seja, ela é uma diferença. Sendo assim, temos que aprender a olhar para o outro, para fora de nós mesmos. Quem não pratica este ato, quem nega o olhar ao outro e do outro, se limita a uma visão de espelho, narcisista. Consequentemente ela é falha, medrosa e preconceituosa. Além disso, a identidade é na verdade uma multiplicidade de identidades construídas por diferentes grupos sociais em diversos momentos históricos. Ela é móvel, mutável e inacabada, pois em constante descoberta.

Se a literatura é o instrumento através do qual compreendemos melhor a nós mesmos e ao outro, com certeza ela só se realizará a partir do momento que utiliza como matéria-prima as vivências e convivências fundamentais de cada um de nós. É através da empatia que podemos aprender a respeitar o *outro* e somente teremos empatia quando tivermos tido o mínimo de vivência que o outro tem. A literatura proporciona essa vivência – apesar de não real –, possibilitando que o pensar e o sentir emergjam do fundo tenebroso e escuro de cada de um nós.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem**. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.
- BASTIDE, Roger. **A poesia afro-brasileira**. s.l. Martins, 1934, v. 4.
- BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- _____. **Racismo e anti-racismo**. São Paulo: Moderna, 1994.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: editora UFMG, 1999.
- FROBENIUS, Leo. **Kulturgeschichte Afrikas. Prolegomena zu einer historischen Gestaltlehre**. Wuppertal: Peter Hammer Verlag, 1998 (p. 10-16) tradução: Márcio Correia Campos.

²⁸ Abro aqui novo parênteses: quando posso, passo a meus alunos, em sala de aula, o desenho *Tarzan* (como ele se buscava nos macacos – mas percebia as diferenças e depois como ele se identificou com a raça humana – Jane).

- SANT'ANNA, Affonso Romano. **Paródia, paráfrase & cia.** São Paulo: Ática, 1985.
- SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo.** São Paulo: Brasiliense, 1984.